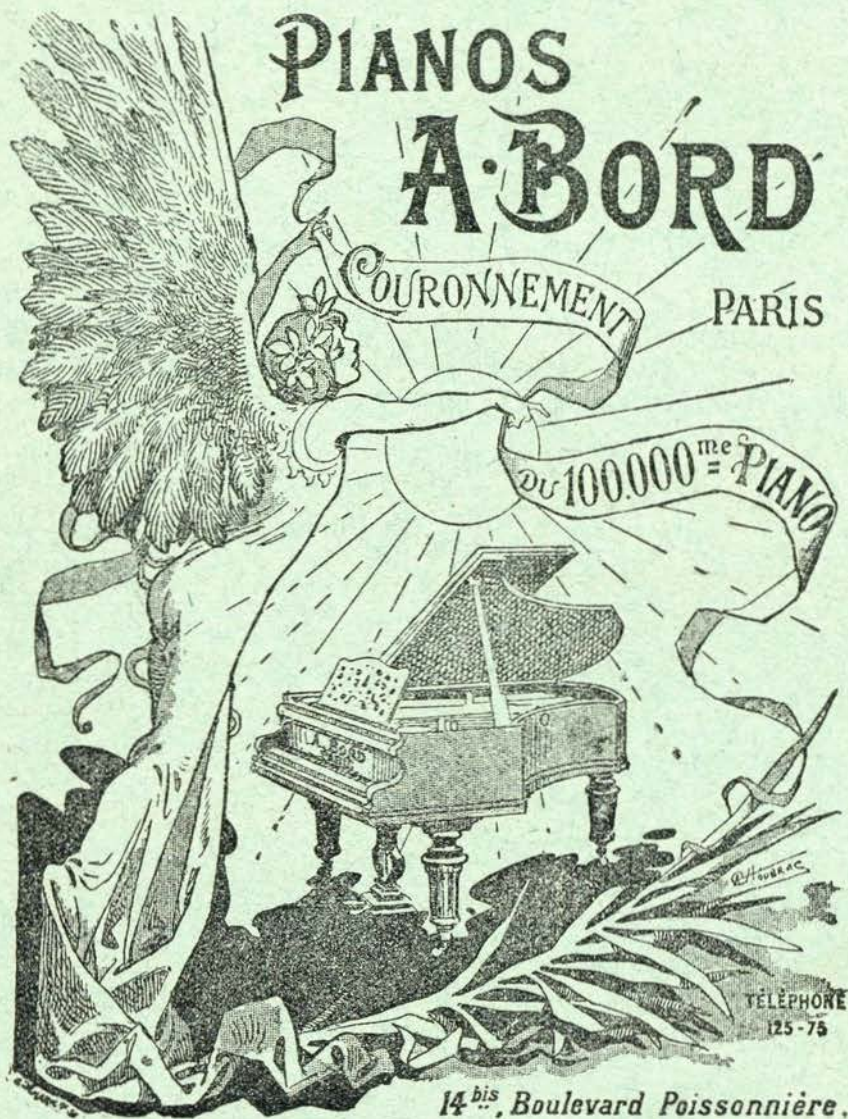




A ARTE

MUSICAL

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Praça dos Restauradores, 43 a 49
LISBOA

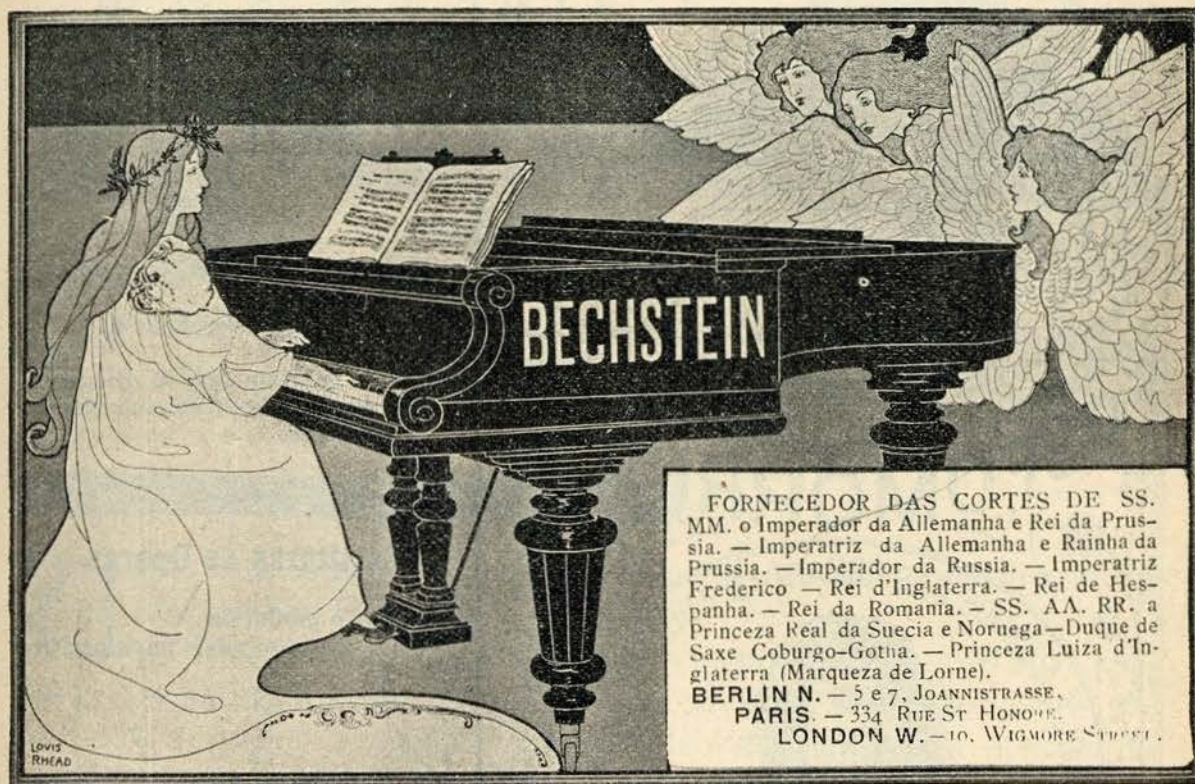


Commendador da ordem de Christo (1894)

Fabricação annual.....	3:000 pianos
Produção até hoje	116:000 »

Exposição Universal de Paris (1900)

Membro do Jury—Hors concours



FORNECEDOR DAS CORTES DE SS.
MM. o Imperador da Allemanha e Rei da Prussia. — Imperatriz da Allemanha e Rainha da Prussia. — Imperador da Russia. — Imperatriz Frederico — Rei d'Inglaterra. — Rei de Hespanha. — Rei da Romania. — SS. AA. RR. a Princeza Real da Suecia e Noruega — Duque de Saxe Coburgo-Gotha. — Princeza Luiza d'Inglaterra (Marqueza de Lorne).
BERLIN N. — 5 e 7, JOANNISTRASSE.
PARIS. — 334 RUE ST HONORE.
LONDON W. — 10, WIGMORE STREET.

Lambertini

REPRESENTANTE

E

Unico depositario dos celebres pianos

DE

BECHSTEIN

43 — P. dos Restauradores — 49

TRIDIGESTINA LOPES

Preparada por F. LOPES (Pharmaceutico)

Associação nas proporções physiologicas, da diastase, pepsina e pancreatina. Medicamento por excellencia em todas as doenças do estomago em que haja difficuldade de digestão. Util para os convalescentes, debeis e nas edades avançadas.

PHARMACIA CENTRAL

de F. Lopes

108, R. DE S. PAULO, 110 — LISBOA

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM

Os pianos de **Carol Otto** são a cordas cruzadas, tres cordas, sete oitavas, armação em ferro, sommeiro em cobre ou ferro dourado, teclado de marfim de primeira qualidade, machinismo de repetição, systema aperfeiçoado.

Exterior elegante — Boa sonoridade — Afinação segura — Construcção solida

BERLIM — CAROL OTTO — BERLIM



LAMBERTINI

Representante dos Editores
Franceses

Edições economicas de Ricordi,
Peters, Breitkopf, Litolf, Stein-
gräber, etc.

Partituras de Operas

Antigas e modernas
para piano e para canto

Leitura musical por assignatura

500 réis mensaes

Peçam-se catalogos

PAPEL DE MUSICA FRANCEZ

DE

Superior qualidade

Especialidade em cordas italianas

para violino, violoncello, contrabaixo, harpa, etc.

43, 44, 45, Praça dos Restauradores, 47, 48, 49

LISBOA



Redacção e administração: P. Restauradores, 43 a 49 — Composto e impresso na Typ. do ANNUARIO COMMERCIAL, P. Restauradores, 27

SUMMARIO — Maria Antoinette Aussenac — Joseph Joachim (*continuação*) — Notas Vagas — Theatro de S. Carlos — Chronica Theatral — Noticiario.

A ARTE e os artistas portuguezes perderam um verdadeiro amigo no Senhor D. Carlos.

Alheios completamente ao movimento politico e ás suas paixões, vivendo apenas no mundo da arte musical, nós só podemos recordar a tremenda tragedia do dia 1.º de Fevereiro sob a pressão da mais profunda magua e pesar pela perda que soffremos.

E não é o egoismo que dicta as nossas palavras. A dynastia de Bragança exerceu sempre uma acção preponderante na vida artistica portuguesa. El-Rei D. Carlos não só protegia nobremente os nossos artistas, como tinha a peito figurar entre elles nos certamens nacionaes e estrangeiros. Quando a grande orchestra portuguesa luctava com difficuldades para se impôr á sympathia do publico, do malogrado soberano recebeu ella o mais inesperado e alto incentivo, o mais decidido apoio moral. De resto, o modo de sêr do Senhor D. Carlos para com os artistas e a arte nacional, já havia sido reconhecido na Exposição de S. Luiz e galardoado com a mais elevada das classificações — o *Grand-prix*.

N'estas palavras de respeitosa condolencia deve pois vêr-se a expressão sincera d'uma dôr collectiva; estamos certos de n'ella interpretarmos o sentir de todos o nossos artistas.

E ao nome saudoso do Rei associamos o do seu primogenito, morto na mais nobre attitude, quando de pé, e de todo esquecido de si, procurava defender a vida de seu pae.

As nossas lagrimas ajuntam-se ás de muitos, no doloroso transe que vae atravessando a Patria portuguesa.

Marie Antoinette Aussenac

Pianista

Conhecia-a no Porto ainda creança. Sua mãe, viuva de um official do exercito francez, vive alli ha muitos annos já, com uma outra filha ainda. Vive do professorado, e é muito estimada das melhores familias da cidade que a teem em elevada consideração, bem justificada de resto. Marie Antoinette um bello dia desapareceu do Porto. E eu, que tinha pela endiabrada rapariga uma grande sympathia, porque sempre gostei de gente mexida, vim a saber o seguinte, acerca do seu desaparecimento: Vianna da Motta passára no Porto e em casa de Moreira de Sá, creio, ouvira tocar a pequena Marie Antoinette, ao tempo discipula apenas de sua mãe. Descobriu nella qualidades taes que aconselhou esta a mandar a menina estudar para o estrangeiro. E foi o que Madame Aussenac fez sem demora. Marie Antoinette partiu para Paris, onde tinha parentes, e lá seguia afoutamente os seus estudos, graças aos subsidios enviados por sua Mãe. A nobre senhora trabalhava de continuo para fazer da rapariga uma artista.

E já agora tenho de deixar de lhe chamar rapariga. Porque, ficando muito tempo sem ouvir falar d'ella, li ha dois para tres annos numa revista franceza que havia uma M.^{lle} Aussenac primeiro premio do Conservatorio de Paris. E, passados tempos, n'essa mesma revista e ainda n'outras, deparava com noticias dos seus concertos e dos applausos que ali recebêra.

Devia ser a mesma; mas seis ou oito annos fazem esquecer muita coisa. Fiquei por isso surpreendido quando, em setembro ou outubro ultimo, vi chegar a minha casa Madame Aussenac e M.^{lle} Marie Antoinette que Julio de Mattos, o meu velho amigo e illustre medico portuense, me dava o subido prazer de apresentar.

Alta, elegante, graciosissima, Marie Antoinette conservava porém intacta a endiabrada expressão do olhar que eu lhe conhecera em pequenina. Era a mesma jovialisima alma de creança n'um bello vulto de mulher.

E, como o caso seja raro, fiquei gratissimo a Julio de Mattos por me proporcionar o ensejo de ouvir a minha antiga amiguinha, hoje uma senhora e uma notavel artista, de quem falam as revistas estrangeiras especiaes.

Effectivamente M.^{lle} Aussenac não se fez rogada quando eu desejei julgar a profecia de Vianna da Motta. O nosso grande pianista, que não é menos grande professor, não podia enganar-se, nem se enganou. M.^{lle} Aussenac é já hoje uma pianista de notavel valor e de accentuada personalidade, não ha duvida.

Em Maio de 1905 *Le monde musical* de Paris e *Le guide musical* de Bruxellas, fallando de uns con-

certos na Salla Erard, apontavam o seu «bello mecanismo, delicado e forte, firme e superiormente estylisado, o seu sentimento inteiramente pessoal que se haviam revelado em todos os numeros executados - Bach, Chopin, Saint-Saëns, Fauré, Duvernoy, etc.» Estas palavras são do conhecido musicographo M. Henri de Curzon. N'outra revista notavam os seus constantes progressos. E esses progressos continuaram a dar-se. Porque ouvindo lhe a *Clair de Luna*



Marie Antoinette Aussenac

de Beethoven e a celebre *Polaca* em lá de Chopin, pareceu-me a sua execução superior á expressa nas palavras do citado critico francez.

Todas as qualidades notadas por elle existiam, mas como que ampliadas. O poder sonoro, a solidez e precisão rythmica impecaveis e, sobretudo, a *fougue* arrebatadora da sua execução excediam a apreciação citada.

E é ainda Vianna da Motta que confirma a minha impressão. Falando do concerto que M.^{elle} Aussenac deu em Berlim, a 7 de janeiro ultimo, diz o nosso grande pianista em carta particular:

«Uma profunda alegria me causou o debut da nossa compatriota Marie Antoinette Aussenac no seu concerto da Salla Bechstein. Fui eu que «descobri» este prodigio de 10 annos no Porto. Conforme o meu conselho, a mãe mandou a para Paris onde estudou durante bastantes annos, seriamente, com Marmontel e Duvernoy, obtendo ha 2 annos o 1.^o premio do Conservatorio. E' um dos talentos mais completos que tenho conhecido: technica perfeita, bella sonoridade, leveza, poezia, rythmo, *verve*, graça; e tudo isto n'uma harmonia e equilibrio que admiro. O publico aqui, para quem ella era completamente desconhecida, ficou fascinado; Busoni e d'Albert, a quem a apresentei, estavam surprehendidos e fizeram-lhe os maiores elogios.

«Este ultimo disse: «esta rapariga tem tudo.» Todos notaram o encanto da sua simplicidade e naturalidade, quer pessoas, quer artisticas.»

*
* *
*

M.^{elle} Aussenac acha-se já hoje na posse de um vasto repertorio e está contractada para uma serie de concertos na Belgica, na Allemanha e em Londres. Toca a 7 de Março no *Orpheon portuense*. Um grupo de amadores de Lisboa pensa por isso em provocar a vinda á capital da nossa compatriota, desejando, como é natural, que assim succeda em breve. E, tendo-lhe eu escrito a perguntar se poderia aqui tocar em março, ella accrescentava, á sua resposta afirmativa, as seguintes palavras: *Si vous avez toujours l'intention, cher Monsieur, de parler de mes professeurs, je trouve qu'il faut nommer maman en premier; et puis ne pas oublier Madame Chaumont.*

O prometido é devido. E aqui inscrevo as lindas palavras que M.^{elle} Aussenac consagra ás duas senhoras.

Não cito os outros nomes de professores contidos na carta que recebi, porque já se encontram na de Vianna da Motta.

A titulo de informação, aqui damos o pro-

gramma do concerto que M.^{elle} Aussenac deu a 7 de Janeiro, em Berlim:

1. a) Sonate Cis moll, op. 27
No. 2... .. *Beethoven.*

Adagio sostenuto.
Allegretto.
Presto agitato.
- b) Zwei Orgelchoralvorspiele..... *Bach-Busoni.*

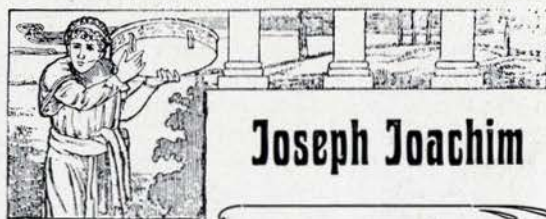
Nun komm, der Heiden Heiland.
Freut Euch, lieb Christen.
2. Drei Etuden:
a) op. 10, No. 2..... *Chopin.*
b) op. 25, No. 6..... »
c) op. 10, No. 12... .. »
d) Nocturne C-moll... .. »
e) Polonaise As dur.... »
3. a) Rondo A-moll. *Mozart.*
b) Toccata..... *Schumann.*
c) Si oiseau j'étais. *Henselt.*
d) Etude en forme de Valse..... *Saint-Saëns.*

E', como se vê, um conjunto de peças de execução transcendente. E, se um pianista consegue, com a sua execução, fascinar um publico como o de Berlim, cansado de ouvir todos os grandes artistas até á saciedade, e provocar os elogios de Busoni, d'Albert e Vianna da Motta, nós só devemos desejar ouvi-lo tambem.

E d'isso se trata.

Lisboa, 7-2-1908

ANTONIO ARROYO.



(Continuado do n.º 218)

Distinguiu-se o anno 1904 pela dupla celebração — como se uma, decerto a unica na historia, não bastasse! — do *Jubileu de diamante* de Joachim, na Inglaterra: isto é, da commemoração solemne do *sexagesimo anno* d'exercicio activo como solista, que as briosas capitaes inglezas realisaram em nobre competencia com a capital allemã, que já o

festejara em 22 d'abril de 1899 na Philarmónica! (1)

Os seus admiradores britannicos, uma legião, aproveitaram a serie de sete concertos que o quartetto Joachim veio dar em abril e maio em Saint James Hall, para glorificar no proprio Joachim a sua victoria sobre o Tempo, visto que sessenta annos antes, em 28 de março de 1844, se apresentara alli, em Drury Lane, no beneficio do poeta Brunn, pela primeira vez.

Foi dupla a homenagem: uma em Edimburgo, outra em Londres.

Os escoceses, admiradores de Joachim, aproveitaram a presença d'elle e do seu quartetto, pela segunda vez em Edimburgo, para ali lhe celebrarem o jubileu de diamante, que se approximava. O concerto do pianista Ernest Denhof, que contratara o quartetto, realisou-se em 27 de abril, sendo Joachim e seus collegas saudados, mal surgiram no palco, com uma ovação estridente e prolongada.

O programma, todo beethoveniano, compoz-se do quartetto em fá maior (op. 18 n.º 1) cujo primeiro andamento saiu com a execução perfeita, que o tornou modelar; da *sonata* com piano em sol maior, op. 96, soberbamente tocada a ponto de provocar cinco estrondosas chamadas a Joachim e a Denhof; e do grande quartetto em dó menor, cujo scherzo é classico pela perfeição.

Um violinista, fallando do concerto, escreveu: «a execução do quartetto esteve simplesmente acima da critica, quer a respeito da dignidade e grandeza, refinamente da expressão e unanimidade do sentimento, quer a respeito da intellectualidade da concepção interpretando as idéas do compositor» (2).

A ovação por que terminou o concerto é indiscriptivel. A' noitinha os seus admiradores reuniram-se no North British Station Hotel e, chegando Joachim, deram a palavra ao eminente professor Niecks, que lhe apresentou a mensagem escripta e proferiu um eloquente discurso em que descreveu as características da verdadeira grandeza que distinguio o mestre na sua longa carreira, não só como homem, mas também como artista. A homenagem, encimada pelas côres emblematicas da Hungria, da Alemanha e da Escocia estava assignada por umas 150 pessoas.

Em seguida madame Denhof entregou a Joachim uma linda e artistica palma de prata oxidada, que elle recebeu profundamente commovido e que agradeceu «aos seus ami-

gos dedicados do *auld lang syne*» pela encantadora surpresa que lhe prepararam.

«Elle não podia dizer quão profundamente sentia a honra que lhe concediam, honra que tanto mais intimamente o commovia por lhe ser offerecida na capital d'um paiz, que tinha dado ao mundo tão numerosos cantos immortaes: melodias ternas, cavalheirescas, altivas, que teriam de viver no coração do mundo musical muito tempo depois de cessarem os echos d'outras obras muito mais elaboradas.»

Concluiu por lhes pedir «que acceitassem os seus agradecimentos do fundo d'alma pela honra que lhe tinham dado, pela sympathia que lhe mostraram; e esperava viver ainda, se não muito tempo para ser capaz de tocar para elles, ao menos o bastante para gosar a companhia dos seus muitos, bons e generosos amigos da Escocia.»

O outro festival com a mesma intenção elevada realisou-se em Londres em Queen's Hall aos 16 de maio: dez annos portanto depois do *Jubileu de ouro*, que ali se effectuara nas Grafton Galleries em 22 de março de 1894 (1). Ficará a sua descripção para o proximo numero visto que nos falta n'este o espaço necessario para o muito que temos a dizer.

(Continúa)

CARLOS DE MELLO.

(1) Pela estúpida perda em nossa casa de treze linguadões, a descripção d'este Jubileu — facto importantissimo na vida de Joachim — não pôde sair na pag. 257 do volume anterior da *Arte Musical* onde teria cabimento logico. Isto explica o salto de 1894 a 1899 que o leitor decerto notou n'aquella altura e que só se justifica — e talvez desculpe — por excesso de trabalho ou de tédio nosso.

Em 22 de março de 1894 uma commissão representativa do escola musical da Inglaterra celebrou o 50.º anniversario da primeira apresentação em Londres de Piatti e de Joachim, entregando-lhes nas Grafton Galleries duas mensagens escriptas, respectivamente acompanhadas de discursos pelo dr. A. C. Mackenzic e por sir George Grove. Foi uma festa imponente.

O leitor nos desculpará esta falta absolutamente involuntaria, tanto mais que esperamos reunir estes artigos em folheto completo e desenvolvido, encerrando a *História do violino no seculo XIX*, se se realisarem certas condições.



(1) *Arte Musical*, anno IX pag. 257.

(2) Ormiston — *Strad* vol. XV, pag. 80.



CARTAS A UMA SENHORA

109.^a*De Lisboa*

A esta hora já sabe que roçou por nós a aza da tragedia, e que no mesmo pó inconsciente e vasto rolaram a um tempo as vidas plebêas d'uns, as vidas patricias d'outros...

Tenhamos lagrimas para todas e envolvamos no divino manto d'uma igual piedade os pobres corações que choram a brusca perda de quantos a Fatalidade marcou e feriu...

Platão, n'um mytho celebre, representa a alma humana como um carro volante levado por dois cavallos brancos e dois cavallos negros. Os brancos puxam para cima, os pretos puxam para baixo, symbolizando aquelles os instinctos bons, estes os instinctos maus, e disputando-se ambos.

A' por agora tão rudemente convulsionada sociedade portugueza, vem de ha muito atravessando um d'esses colossaes combates, e por muito que a nossa clemencia queira perdoar, nunca poderá esquecer a obra dissolvente e má d'aquelles que de animo leve, e de intellecto estreito, estiveram depositarios do mando, detentores occasionaes do poder, preparando a catastrophe que outro dia deflagrou.

Governantes e governados são insensíveis ás lições da experiencia, escreveu Hegel; mas, entre nós, mais os primeiros que os segundos, falhos de sciencia e não raro de consciencia, a miude esqueceram que os ultimos pertencendo pela communitade dos interesses e pela união das aspirações, a uma interminavel familia humana de perseguidos e de abandonados, attingem em determinados momentos da historia as culminancias sombrias dos grandes paroxismos e determinam na marcha dos acontecimentos o apparecimento de factos que só olhos myopes ou entendimentos curtos podem acoimar de imprevistos.

A força dos audaciosos forja-se com a fraqueza dos indecisos, lê-se em Blumenthal; mas quasi sempre um minuto soa em que

por seu turno os indecisos, pensando, se decidem a intervir, e então ha que tremer de uma d'essas volições bruscas que uns não souberam evitar e outros não lograram deter.

Ah! minha amiga o peor é que depois o sangue dos innocentes vem misturar-se ao sangue dos culpados, virtuaes ou effectivos, e de novo a linha atormentada do Progresso, que eternamente ascende para mais luz e para maior justiça, soffre uma inflexão brutal e os espiritos calmos e generosos recuam de assustados e confrangidos...

E' por tanta vez se esquecer isto que todos nós assistimos a scenas em que a violencia momentaneamente vae até a abolir o sagrado respeito pela vida, e em que os delirios vesanicos que a paixão fomentou e ao meio ambiente vieram buscar as suas naturaes raizes, subitamente explodem, levando as gentes simples a vociferarem e as gentes exaltadas a agirem, emquanto os temperamentos philosophicos, integrando uns nos outros esses movimentos desordenados e cahoticos, procuram filiar os effeitos nas causas e apurar com verdade a conclusão suprema, a que, em face da dolorosa ou medonha realidade, é mister que todos cheguemos, e vem a ser: que não se edifica pelo odio nem se catechisa pela oppressão, e que no dia em que n'um dos pontos do horizonte a tolerancia se esconde, logo no outro a ira lugubrememente se desenha e de todo elle a Bondade desaparece.

Homens publicos que faltam ás preoccupações sociaes da occasião, faltam áquillo que Royer Collard chamava a parte divina de governar, e se é porventura exagerado pensar ainda com Blumenthal que não ha reinado que não mereça ser maldito pela somma de perversão que origina e só os grandes homens que casualmente n'elle florescerem o fazem reviver pela belleza,—não o é suppor que hoje, mais do que em qualquer outro periodo da historia, já não são possiveis attentados contra a integridade moral de cada um, contra o seu modo de ser social e psychico, parecidos com esses de que ainda conservamos a memoria, e que por um triste phenomeno regressivo de selvatica recorrencia politica, nos ia lançando a todos ou nas crises da loucura, ou nas excitações do crime.

Possa a innocente e inoffensiva creança que as brutalidades do Destino atiraram para o primeiro plano de um throno, encontrar sempre em volta de si quem jamais esqueça o lemma bemdito da justiça temperada pela clemencia e illuminada pela generosidade, e possam aquelles que forem chamados a compartilhar com ella das responsabilidades solemnes da governação geral, não esquecer

nunca a impressiva lição que dos factos occorridos nitidamente resalta.

«O azeite é doce, o vinagre é ácido, com os dois tempera-se uma salada, que é a vida»

N'este pittoresco e paradoxal conceito de Marion Crawford, encerra-se um compendio de intensa philosophia, e quem não souber medita-la não merece decerto as summas investidas e as grandes consagrações.

E para concluir, querida amiga, ainda mais este profundo e lapidar conceito de Pascal, que vae mesmo na lingua propria, para não lhe empanar o brilho:

La raison nous commande bien plus impérieusement qu'un maître, car en desobéissant à l'un on est malheureux, et en desobéissant à l'autre on est un sot.

Ora está provado que os tolos são maus, mas os maus, não o esqueçamos, no fundo também são tolos.

AFFONSO VARGAS.



A deploravel e pungente tragedia que epilogou a iniqua ditadura dos ultimos meses, encerrou por nove dias o teatro de S. Carlos e impediu que o *Tristão e Isolda* fosse apresentado em scena no dia 1 de fevereiro, para que estava anunciado. A genial obra de Wagner teve a sua primeira audição na noite de 10 do corrente.

Terminámos o nosso anterior artigo com as seguintes palavras de Mauricio Kufferath: «A partitura do *Tristão* é a obra mais perfeita de Wagner e também a mais difficil, embora não seja mais complicada do que as outras. Sómente o seu estilo é tão novo e tão essencialmente dramatico, que é impossivel subtrairmo-nos ao sentimento da confusão extrema que uma primeira audição nos produz.»

Aos que assistiram á primeira recita do *Tristão* em S. Carlos aquella impressão traduziu-se de três maneiras diferentes: quem conhecia o poema e fez alguma leitura da musica adquiriu a convicção de que o *Tristão* é uma obra magistral, a mais perfeita do reformadôr alemão, em tudo e por tudo um exemplar digno de ser meditado e estudado; os que ouviam com atenção, no intento de se iniciarem nos segredos de uma musica que o elemento musical estrangeiro mais culto, afirma estar revestida de fascinadoras bele-

zas, sentiram aquele sentimento de confusão extrema a que se refere Kufferath. Os que distraidamente ouviram tocar a musica do *Tristão*, sem para isso nem com a leitura do poema se terem preparado, a sensação foi de tédio, de aborrecimento, e ficaram sem vontade de voltar a ouvir aquella enorme machada.

Para estes, embalados pela musica italiana e educados na sua escola, o teatro lirico torna-se lhes intoleravel desde que não oiçam umas melodias facilmente assimilaveis, umas arias, umas romanças, embora sublinhadas por um trabalho orquestral de factura acen-tuadamente moderna, que nem sempre apreciam.

No *Lohengrin*, no *Tannhäuser*, mesmo nos *Mestres Cantores* ha melodias que seduzem, que relembram formas italianas. No *Tristão* «uma perfeição classica do estilo da melodia declamada», segundo o dizer de alguns criticos, não ha melodias de facil assimilação. E de cunho italiano apenas no primeiro acto se encontram umas frases de Kurvenaldo. Em toda a obra predomina a fórma descriptiva da parte instrumental, o classicismo do estilo melodico, o intenso colorido dos detalhes e uma admiravel facilidade no emprego dos *leit-motive*.

Nos dramas liricos de Wagner os temas ou motivos condutores são a linguagem musical que exprime o ambiente, a personificação da individualidade, o seu modo de ser, de sentir e as suas modalidades. Esta linguagem creou-a Wagner para cada situação e para cada personagem á medida que foi compondo a musica. Do conjunto da linguagem de cada individualidade resulta o dialecto especial a cada drama. Na monumental criação *Anel dos Nibelungen*, os motivos que formam o seu idioma encontram-se no preludio, que de per si constitue um drama: o *Ouro do Rheno*.

As modulações da voz na linguagem falada, ás alterações da palavra pela mudança de genero e numero, ás multiplas variantes d'um verbo na sua conjugação, á expressão verbal do pensamento correspondem alterações na disposição e no ritmo dos elementos de cada motivo condutor. Da facilidade de conversação numa tal linguagem musical resulta essa riqueza de poliphonia orquestral descriptiva, nem sempre facil de interpretar. Para destrinçar os motivos condutores é preciso decompôr o discurso musical; estudar e fixar esses temas para comprehender o que a orquestra nos diz; da declamação do poema, da expressão da ideia inexprimivel em musica estão encarregadas as personagens scenicas. Uma primeira audição sem o prévio conhecimento dos temas musicas corresponde á

desnorteada situação de um estrangeiro inesperadamente colocado no meio d'um povo cujo idioma desconhece. Só o estudo do gesto e o habito da audição pode leva-lo a compreender alguma coisa d'esse idioma.

No *Tristão* os motivos condutores são muitos. Ha pensamentos musicaes compostos de um numero muito reduzido de notas; três ou quatro sómente. Verdadeiras palavras de três ou quatro silabas. Para os que se interessam pelo estudo das partituras de Wagner é desnecessario descrever ou apontar aqui os temas do *Tristão*. Os leitores da *Arte Musical* por certo os conhecem pela leitura de alguma das muitas obras a tal respeito publicadas. E uma das mais concisas é por certo o *Guide sur la légende, le poeme et la musique par Hons de Volzogen, librairie Fischbacher*, Paris. Algumas das belezas disseminadas na partitura já foram apontadas pelo redactor que neste quinzenario fez nos dois ultimos numeros uma erudita e minuciosa resenha do poema.

Após duas audições do *Tristão* nada mais podemos dizer a respeito d'esta genial obra. Também não queremos transcrever aqui sciencia adquirida na leitura dos comentadores de Wagner. Passámos a falar do desempenho do *Tristão* em S. Carlos.

E' indubitavel que a Luis Mancinelli competem os louros da boa execução orquestral que o *Tristão* obteve em S. Carlos. Obra de difficil interpretação, principalmente para artistas sem o habito de tocar tal genero de musica, só a energica vontade e a superior orientação de um erudito director de orquestra podia obter semelhante resultado. A Luis Mancinelli e aos artistas da orquestra endereçamos portanto as nossas felicitações.

Foram importantes os córtes feitos na partitura, principalmente no grande dueto de amor do 2.º acto. São talvez os córtes aceitos em Italia. E' pena que fossem suprimidas algumas frases de transcendente beleza melodica.

A sr.^a Gagliardi, — *Isolda* — deu á personagem uma superior interpretação dramatica. O primeiro acto mereceu lhe particular estudo e o seu trabalho é digno de elogio. Como distinta cantora do genero italiano a sua voz não está muito á vontade no estilo alemão, principalmente nas notas sustentadas. E' melodia que devia exigir uma educação especial da voz. E a *Isolda* tem exigencias a que a voz de um soprano lirico, como a sr.^a Gagliardi, não póde satisfazer, porque são mais proprias de um soprano dramatico. No entanto, sem o concurso de uma artista inteligente como a sr.^a Gagliardi, seria intoleravel a interpretação de um grande numero

de situações de intenso vigôr dramatico ou de um apaixonado lirismo.

O sr. Vignas não é um *Tristão* muito feliz. Embora nos pareça ter estudado a partitura com muito cuidado, não tem ainda no *Tristão* a segurança com que canta o *Lohengrin*. A entoação é no *Tristão* muito mais ingrata; as notas da melodia não se fixam com a mesma facilidade. A persistencia no estudo da parte de *Tristão* e a sequencia dos espectaculos hão de trazer-lhe uma confiança de que por enquanto não dispõ. Artista estudioso e correcto, o timbre da sua voz nem sempre o coadjuva na expressão que intenta dar á melodia.

A sr.^a Lucaceska, na parte de Brangaine e Luppi, no rei Mark, foram de uma discreção digna de aplauso. O baritono Moreo foi a nosso ver o que mais á vontade estava em scena; em toda a parte será um Kurvenaldo apresentavel.

Deslumbrantes o scenario e guarda-roupa.

13 de fevereiro.

ESTEVES LISBOA.



Chronica Theatral

Theatro D. Amelia, O verdadeiro rumo (Chacun sa vie), peça em 3 actos de Gustave Guiches e P. B. Gheusi, traducção livre de Cunha e Costa. — **Theatro D. Maria II, A Mascara**, peça em 4 actos, original de Afonso Gaio. — *Pelo estrangeiro*.

Em festa artistica do illustre actor Augusto Rosa, representou se agora pela primeira vez no D. Amelia uma peça em 3 actos, *O verdadeiro rumo*, traducção livre do distincto escriptor Cunha e Costa. Não poderemos applaudir d'esta vez a empreza em escolher para o seu repertorio uma peça d'esta ordem. Nem pela linguagem, nem pelo assumpto ella é digna de estar ali collocada! O velho thema do divorcio é ali tratado, com as theorias as mais abjectas e repugnantes.

Theatro d'esta ordem é um exemplo bem frisante de desmoralisação, para nada serve, a não ser que seja uma especie de *escola* de aperfeiçoamento de corrupção moral!! E peças d'esta ordem são applaudidas! A que ponto chegamos!!

Augusto Rosa no difficil papel de *Desclos* foi admiravel, recebendo continuas ovações.

Darvaut encontrou no actor Azevedo, um interprete regular.

Azevedo é um rapaz de incontestavel talento para a scena, mas no papel de *Darvaut* foi pouco feliz.

Chaby Pinheiro no pequeno papel do escriptor *Blanchard* foi notavel de graça e naturalidade.

Maria Falcão, soube comprehender muito bem o seu papel, sobresahindo nas scenas do 2.º acto em que foi applaudida com justiça.

Laura Cruz na boa *Paulina Clermain*, revelou-se como sempre, uma artista cuidadosa; sabe representar, e como é intelligente, consegue sempre ser applaudida com inteira justiça.

Antonio Pinheiro em o pequenino papel de empregado *Simonelli* foi admiravel. Os restantes artistas regularmente.

Duvido que a peça possa dar um grande numero de representações, que será um bem para as *meninas* que costumam frequentar aquelle theatro.

Com pequena concorrência de publico, realisou-se no theatro D. Maria, a primeira representação da peça em 4 actos de Affonso Gayo, *A Mascara*. Vê-se que o auctor quiz fazer uma peça de critica, e quiz mostrar a lucta entre a *verdade* e a *mentira*, symbolizadas em duas personagens do drama.

Tem por vezes o dialogo interessante, mas as scenas são mal conduzidas, e quando quer mostrar espirito é por vezes infeliz na linguagem empregada, o que não seria necessario...

Emquanto ao desempenho foi bastante irregular. Apenas poderemos apontar como os melhores trabalhos os de Adelina Abrancnes no papel de *Suzanna*, Anna Pereira no de *Carlota*, Fernando Maia no de *D. João Caminha* e Luiz Pinto no de *Daniel*.

Os restantes, Palmyra Torres, Augusta Cordeiro, Ferreira da Silva, Pinto Costa e Joaquim Costa bastante discretos.

O auctor teve algumas palmas, mas a peça será de curta carreira.

ALFREDO PINTO (SACAVEM).

*
* *

E' conhecido o notavel romance de Bourget *Un divorce*, pois acaba de ser transplantado para o theatro por André Cury com a collaboração do auctor. O theatro escolhido foi o de *Vaudeville*. Os principaes papeis foram confiados a madame Marthe Brandés, Heller, Lérand, Gauthier e Arquilliére. É mister notar, que a peça não segue perfeitamente a acção do romance, mesmo tem uma personagem a mais. Possui apenas, as linhas geraes.

— O grande escriptor francez Alfredo Capus, cujas obras são tão conhecidas do publico do D. Amelia, acaba de alcançar um

grande triumpho com a nova peça *Les Deux hommes*, obra que, segundo diz a critica, é uma pura analyse social.

— Em Italia, no theatro Carignano de Turin, representou-se agora uma phantasia *Il Diavolo* devido á penna d'um escriptor hungaro Molnar. Zacconi, que é tão nosso conhecido, foi um *Diavolo* cheio de espirito. Assistiram os duques de Genova.

— O grande escriptor Gabriel d'Annunzio, vae trabalhar em um drama sobre a lenda do *Tristão e Isolda*.



ESTRANGEIRO

Em 25 de janeiro reabriu o theatro da Opera de Paris, dando como primeiro espectáculo da nova direcção *Messenger*, a 1:299.ª representação do *Fausto*.

A *mise-en-scène* e o vestuario da opera foram radicalmente modificados e nem em tudo de maneira muito feliz.

Algumas reparações se fizeram tambem na sala do famoso theatro lyrico, construido, como se sabe, pelo architecto Charles Garnier e inaugurado ha trinta e três annos. Consistiu uma das mais importantes em rebaixar a orchestra vinte centimetros, parecendo, segundo informam os jornaes francezes, que essa modificação não traz senão inconvenientes para as operas que não foram concebidas na intenção de occultar a orchestra, como succede com as de Wagner. Para estas, o rebaixamento de 20 centimetros é nullo e não pode de modo algum produzir o effeito desejado.

*

No anno proximo vae ser estreitada uma nova opera de Ricardo Strauss, *Electra*, cujo assumpto nos dizem ser tanto ou mais escabroso que a *Salomé* do mesmo auctor, que tanto deu que fazer á censura de varios paises.

*

Em 21 de janeiro ultimo representou-se pela primeira vez em Hamburgo uma nova opera de Siegfried Wagner com o titulo de *Sternengebot*.

Apezar da pobreza do libretto, a opera parece que teve algum exito.

A. HARTRODT

SÉDE: HAMBURGO — Dovenfleth, 40

Expedições, Transportes e Seguros Maritimos

Serviço combinado e regular entre:

Hamburgo — Porto — Lisboa

Antuerpia — Porto — Lisboa

Londres — Porto — Lisboa

Liverpool — Porto — Lisboa

Serviço regular para a Madeira, Brazil, Colonias portuguezas d'Africa, etc.

Promptifica-se gostosamente a dar qualquer informação que se deseje.

A. HARTRODT — Hamburgo

CARL HARDT

FABRICA DE PIANOS — STUTTGART

A casa **CARL HARDT**, fundada em 1855, não constroe senão pianos de primeira ordem, a tres cordas, armados em ferro bronzado e a cordas cruzadas, segundo o *systema americano*.

Os pianos de **CARL HARDT**, distinguem-se por um trabalho solido e consciencioso; a sonoridade é brilhante e sympathica, o teclado muito elastico, a repetição facil e o machinismo aperfeiçoado; conservam admiravelmente a afinação, e a construcção é cuidada de fórma a resistir a todos os climas.

A casa **CARL HARDT**, obteve recompensas nas seguintes exposições: — Londres, 1862 (*diploma d'honra*); Paris, 1867; Vienna, 1873 (*medalha de progresso, a maior distincção concedida*); Santiago, 1875; Stuttgart, 1881; etc., etc.

Estes magnificos pianos encontram-se á venda na **CASA LAMBERTINI**, representante de **CARL HARDT**, em Portugal.



Lambertini

Pianos das principaes fabricas: Bechstein, Pleyel, Gaveau, Hardt, Bord, Otto, etc.

Musica dos principaes editores — Edições economicas — Aluguel de musica.

Instrumentos diversos, taes como: Bandolins, Violinos, Flautas. Ocarinas, etc.

Pecam-se os catalogos

Praça dos Restauradores

Augusto d'Aquino

Rua dos Correiros, 92

Agencia Internacional de Expedições

Com serviços combinados para a importação de generos estrangeiros

SUCCURSAL DA CASA

Carl Lassen, Asiahaus

Hamburgo, 8

AGENTES EM ..

Anvers — Joseph Spiero — 51, rue Waghemarkere
Havre — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 67, Grand Quai
Paris — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — 12, 14, rue d'Enghien
Londres — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — Leadenhall Buildings, E.C.
Liverpool — Langstaff, Ehrenberg & Pollak — The Temple-Dale Street.
New-York — Joseph Spiero — 11. Broadway.

EMBARQUES PARA AS COLONIAS, BRAZIL, ESTRANGEIRO, ETC.

TELEPHONE N.º 986

End. tel. CARLASSEN — LISBOA

PROFESSORES DE MUSICA

Adelia Heinz , professora de piano, <i>Rua do Jardim á Estrella, 12.</i>
Alberto Sarti , professor de canto, <i>Rua Castilho, 34, 2.º</i>
Alexandre Oliveira , professor de bandolim, <i>Rua da Fé, 48, 2.º</i>
Alexandre Rey Colaço , professor de piano, <i>R. N. de S. Francisco de Paula, 48</i>
Alfredo Mantua , professor de bandolim, <i>Calçada do Forno do Tijolo, 32, 4.º</i>
Antonio Soller , professor de piano, <i>Rua Malmerendas, 32, PORTO.</i>
Candida Cilia , professora de musica, piano e harmonium, <i>L. de S.ta Barbara, 51, 5.º D</i>
Carlos Gonçalves , professor de piano, <i>R. da Penha de França, 23, 4.º</i>
Carolina Palhares , professora de canto, <i>C. do Marquez d'Abrantes, 10, 3.º, E.</i>
Eduardo Nicolai , professor de violino, <i>informa-se na casa LAMBERTINI.</i>
Elisabeth Von Stein , professora de violoncello, <i>R. S, Sebastião, 9, 2.º</i>
Ernesto Vieira , <i>Rua de Santa Martha, 232, A.</i>
Francisco Bahia , professor de piano, <i>R. Luiz de Camões, 71.</i>
Francisco Benetó , professor de violino, <i>Rua do Conde de Redondo, 1, 2.º, D.</i>
Guilhermina Callado , prof. de piano e bandolim, <i>R. Paschoal Mello, 131, 2.º, D.</i>
Irene Zuzarte , professora de piano, <i>Rua José Estevam, 17 r/c.</i>
Joaquim A. Martins Junior , professor de cornetim, <i>R. das Salgadeiras, 48, 1.</i>
Joaquim F. Ferreira da Silva , prof. de violino, <i>Rua José Estevão, 50, 3.º, E.</i>
José Henrique dos Santos , prof. de violoncello, <i>T. do Moinho de Vento, 17, 2.º</i>
Julietta Hirsch Penha , profes.ª de canto, <i>R. Cons. Pereira Carrilho, M.M.J. 3.º E.</i>
Léon Jamet , professor de piano, órgão e canto, <i>Travessa de S. Marçal, 44, 2.º</i>
Lucila Moreira , professora de musica e piano, <i>Avenida da Liberdade, 212, 4.º D.</i>
M.ª Sanguinetti , professora de canto, <i>Largo do Conde Barão, 91, 4.º</i>
Manuel Gomes , professor de bandolim e guitarra, <i>Rua das Atafonas, 31, 3.º</i>
Marcos Garin , professor de piano, <i>C. da Estrella, 20, 3.º</i>
Maria Margarida Franco , professora de piano, <i>Rua Formosa, 17, 1.º</i>
Philomena Rocha , professora de piano, <i>Rua de S. Paulo, 29, 4.º, D.</i>
Rodrigo da Fonseca , professor de piano e harpa, <i>Rua de S. Bento, 47, 2.º, E.</i>

A ARTE MUSICAL

Preços da assignatura semestral

PAGAMENTO ADIANTADO

Em Portugal e colonias.....	1\$200
No Brazil (moeda forte).....	1\$800
Estrangeiro.....	Fr. 8

~~~~~  
Preço avulso 100 rs.  
~~~~~

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Redacção e Administração

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 A 49 — LISBOA